

DIVERSIDADE QUE SE EXPÕE, MAS NÃO SE REPRESENTA: O CASO DA EXPOSIÇÃO “CONCHAS, CORAIS E BORBOLETAS” (MNRJ, 2013 - 2018)

Mariana Galera Soler

Instituto de História Contemporânea – Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência – Universidade de Évora

Resumo: “Conchas, corais e borboletas” foi a mais recente exposição de longa-duração aberta pelo MNRJ. Equipes composta por cientistas, designers, museólogos, artistas e técnicos trabalharam durante cinco anos para exibir mais de 2 mil animais invertebrados preservados por diferentes métodos. A partir de fotografias, entrevistas e documentos objetiva-se registrar essa exposição, que foi completamente destruída, bem como suas coleções científicas correspondentes, no incêndio sofrido pelo MNRJ, em setembro de 2018. Além do relato do processo curatorial e da descrição, é proposto um conjunto de análises da mesma, com base nas abordagens museológicas, científicas e epistemológicas. Nota-se o papel crucial dos curadores científicos tanto na concepção da exposição (narrativa e acervo), como nos modos de representação. A natureza musealizada é exibida a partir do viés do cientista – identificador, analítico e com grande capacidade de memória. Coube ao público contemplar espécimes com etiquetas de identificação e textos de contextualização. De modo que a diversidade de cores e formas estava presente nos textos, mas não era representada nos modos como a ciência e os cientistas podem observá-la.

Palavras-chave: Museus de história natural. Exposição. Animais. Representações de ciência. Musealização.

SHOW DIVERSITY, BUT NOT TO REPRESENT: CASE STUDY OF THE EXHIBITION “SHELLS, CORALS AND BUTTERFLIES” (MNRJ, 2013 - 2018)

Abstract: “Conchas, corais e borboletas” was the most recent long-term exhibition launched in MNRJ. Teams composed for researches, designers, museums professionals, artists and technicians worked during five years to exhibits more than two thousand preserved invertebrates. From photographic, interviews and documents, the objective is to register this exhibition, that was destroyed in the fire suffered by the MNRJ in September 2018. This work involves the description of the curatorial process and exhibition and a analysis set of the museological, scientific and epistemological approach of the exhibition. We could note the decision role of the scientific curator in the exhibition conception (narrative and objects) and in the ways of representation. The nature was musealized from the researcher’ view – identification, classification and large memory. The public was responsible to contemplate specimens with identification tags and contextualization texts. Color and forms diversities were shown in the texts, but were not represented in ways of science and scientists could observed.

Keywords: Natural history museums. Exhibitions. Animals. Science representation. Musealization.

O presente trabalho visa registrar a última exposição zoológica de longa-duração inaugurada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ), intitulada “Conchas, corais e borboletas”. A partir do relato de partes do seu processo curatorial e uma descrição ilustrada do espaço expositivo, é proposto um conjunto de análises da narrativa, com base nas abordagens museológicas, científicas e epistemológicas.

Considerando o escopo do trabalho de SILVA (2013), sob os processos de musealização da natureza nos museus de história natural, nota-se que conceitos relacionados à teoria evolutiva estão intensamente presentes nos discursos expositivos dessas instituições por todo o mundo, bem como na representação historicamente construída da natureza.

Portanto, optou-se por analisar como a teoria evolutiva fora representada. Ademais, tendo em vista a quantidade e o tipo de objetos do acervo em exposição, essencialmente animais invertebrados preservados em via úmida e seca e reproduções de fotografias/vídeos de natureza, obras artísticas e ilustrações científicas, buscou-se também relacionar quais representações de natureza são construídas o que, necessariamente, implica em concepções dos cientistas e da própria prática científica.

Os dados e imagens apresentados foram coletados durante os anos de 2014 e 2018. Para tanto, além do registro fotográfico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com curadores científicos, membros do setor da Museologia, *designer* e a coordenação geral do projeto. Dados também foram obtidos por meio de fontes documentais, como projeto expositivo, plantas, protótipos do espaço, fichas museográficas e publicações referentes à exposição.

“Conchas, corais e borboletas” iniciava uma série de propostas de novas exposições de longa-duração do MNRJ, que culminava no planejamento junto a comemoração dos 200 anos da instituição e o aporte financeiro do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), antes do nefasto incêndio ocorrido em 2 de Setembro de 2018, que destruiu totalmente o espaço expositivo, bem como as coleções que lhe deram origem. Assim, o presente trabalho visa ser um registro histórico dessa exposição e também de objetos históricos da coleção, uma imagem detalhada do que os visitantes encontravam pelas galerias do segundo andar do MNRJ e uma análise dos contributos desse espaço para a compreensão da ciência.

2. DESCRIÇÃO DA EXPOSIÇÃO

a) Gestão Curatorial

A exposição “Conchas, corais e borboletas” foi aberta ao público em 01 de outubro de 2013, sendo uma remontagem das exposições de longa-duração do Departamento de Invertebrados e do Departamento de Entomologia do MNRJ. A exposição anterior destes departamentos científicos foi desenvolvida

Diversidade Que Se Expõe, Mas Não Se Representa: O Caso da Exposição “Conchas, Corais e Borboletas” (MNRJ, 2013 - 2018)

há mais de meio século. A antiga “Exposição dos Insetos” do MNRJ foi inaugurada em 1960, planejada e executada pelos professores José Candido de Melo Carvalho e Roger Pierre Hypolite Arlé. A presença de objetos históricos, textos e elementos museográficos na exposição contemporânea apontavam referências a esse passado.

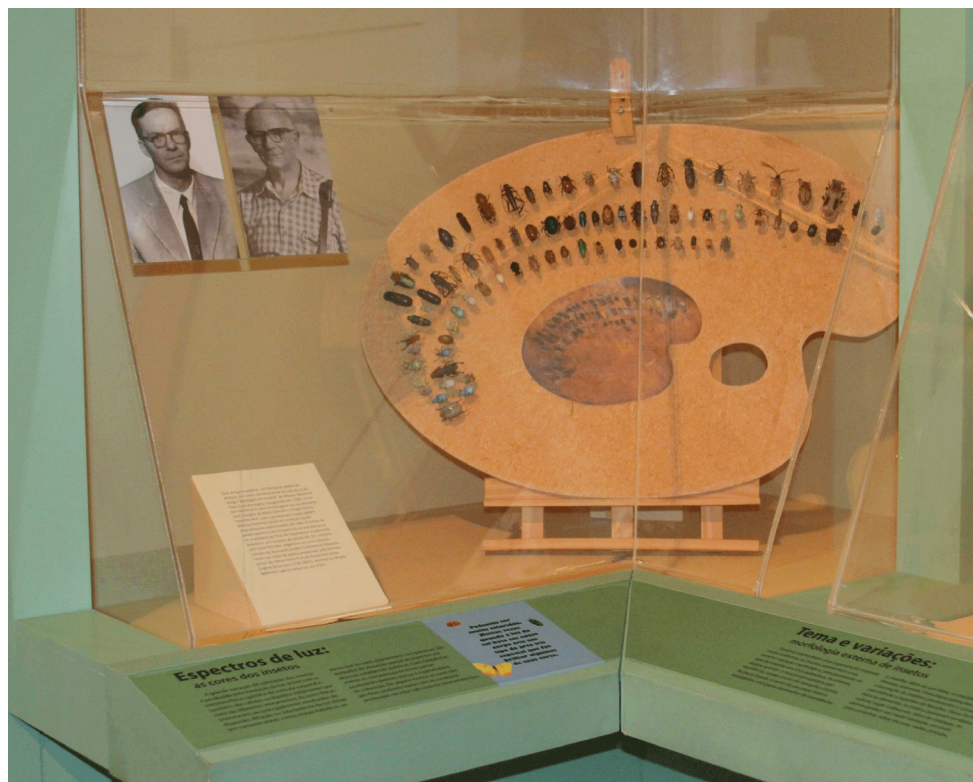


Figura 1: Vitrine com reprodução de um paleta de aquarela. Besouros estavam expostos no lugar de tinta, sinalizando a diversidade de cores do grupo. Na legenda, era possível ler: “Este antigo expositor, em forma de paleta de pintura, é o único remanescente da estrutura da antiga “Exposição de Insetos” do Museu Nacional (Sala III da Zoologia), inaugurada em 1960. A sua permanência é uma homenagem aos professores José Cândido de Melo Carvalho e Roger Pierre Hypolite Arlé, que a planejaram e executaram. Muitos materiais ainda em exibição foram originalmente selecionados por eles. A forma da paleta aparece com frequência na arquitetura e no mobiliário do final do movimento modernista brasileiro, em meados do século XX. Em sintonia com esse formato, organizou-se uma colorida coleção de besouros (ordem Coleoptera) dispostos como nas cores da paleta preparada pelo famoso pintor do romantismo francês Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1798-1863), exposta no Musée National Eugène Delacroix, em Paris”. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em junho de 2014.

O processo de concepção e elaboração da exposição foi intenso e multidisciplinar, uma vez que congregou curadores científicos representantes dos diferentes laboratórios de pesquisa dos departamentos envolvidos, equipe do setor de Museologia, artistas e outros profissionais externos ao MNRJ. Foram realizadas reuniões com o grupo geral de curadores e, mais sistematicamente, reuniões individuais entre o curador de cada setor e a museóloga Thereza Baumann, coordenadora geral do projeto expositivo.

Uma estratégia desenvolvida pela referida coordenadora, junto com designer Glauco Campelo – co-responsável pelo projeto expositivo – foi a elaboração de “Fichas de Catalogação de Material em Exposição” (ficha museográfica), em que o curador científico especificava individualmente o tipo do recurso expográfico que desejava expor (por exemplo: exemplar, modelo, esquema, foto, vídeo, som, terminal e texto) e o contexto em que se inseria o recurso escolhido (Figura 2)¹.

¹ Essas fichas originais foram perdidas no incêndio do MNRJ, contudo durante a recolha de dados em 2014 foram realizadas fotocópias das mesmas, que foram disponibilizadas a instituição.

Diversidade Que Se Expõe, Mas Não Se Representa: O Caso da Exposição “Conchas, Corais e Borboletas” (MNRJ, 2013 - 2018)

MNUFRJ Exposição permanente DI/DE Ficha de catalogação de material expositivo		FILO Insecta	EXPOSITOR 3 (08) (vertical G)			
TEMA Entomologia Acadêmica - A vida dos insetos. Tema 6 - Hábitos alimentares (incl. Polinização).	DESCRIÇÃO CURTA . Plantas desidratadas com diferentes ataques de insetos. . Exemplares de insetos com adaptações evidentes para a caça.	EXEMPLAR	☒	RESPONSÁVEL		
		MODELO				
		ESQUEMA		DIMENSÕES L.A.P.		
		FOTO	☒			
		VIDEO		Nº DE PEÇAS:		
ETIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO		SOM	STATUS ATUAL			
REVISÃO	SIM	NÃO	TERMINAL	MATERIAL DISPONÍVEL	☒	
			TEXTO	☒	MATERIAL INEXISTENTE	☒
		RESERVAÇÃO EM QUANTIDADE ESPECÍFICA O material botânico precisa ser coletado para essa finalidade. As folhas devem ser prensadas e os ramos secos em caixas de areia. Os exemplares de insetos estão disponíveis.				
OBSERVAÇÃO ORIENTATIVA EM TEXTO REVISÃO SIM NÃO						
Caçadores e caçados - Os insetos alimentam-se de uma variedade espantosa de itens alimentares, vegetais e animais, líquidos ou sólidos, vivos ou mortos. Muitos são carnívoros, especializados em se alimentar de outros insetos. Esses podem ser desde predadores ativos a parasitos de diversos níveis. Até mesmo as formas endoparasitas não estão seguras do ataque de outros insetos, podendo ser também parasitadas (hiperparasitismo). Herbivoria - Todas as partes das plantas podem ser utilizadas para a alimentação dos insetos, desde raízes a frutos. Existem distintos níveis de correlação nessa herbivoria. Nos casos mais sofisticados, as plantas podem desenvolver um tipo de tumor – a galha, que pode ter formas particulares, com tecidos específicos para servir de alimento e abrigo ao inseto que a induziu. Co-evolução entre insetos e plantas - Os insetos são essenciais ao equilíbrio da natureza. Tendo evoluído conjuntamente às plantas com flores, existem evidentes relações de interdependência entre espécies dos dois grupos. Assim, do mesmo modo que os insetos necessitam das plantas para sua sobrevivência, principalmente como alimento e abrigo, as plantas dependem deles para serem polinizadas, um passo essencial na sua reprodução.						

Figura 2: Exemplo de uma Ficha de Catalogação de Material em Exposição

A partir destas fichas foram criados roteiros, que listavam e hierarquizavam os assuntos a que se relacionavam, na ordem em que apareciam na exposição. Os pesquisadores tiveram total liberdade para selecionar o acervo em exposição e definir seu discurso, fato que possibilitou a maior participação desses profissionais como curadores da exposição².

De acordo com a gestão curatorial acima descrita, o início da elaboração da exposição ocorreu em 2008, com a previsão original de conclusão em dezembro de 2009; o não cumprimento deste prazo gerou enorme desgaste à equipe envolvida para justificar às agências de fomento³.

O principal motivo do atraso foi o difícil acordo por parte dos curadores científicos (pesquisadores) a respeito da seleção de objetos e espaços para compor a exposição⁴. Evidencia-se esse conflito pela demarcação clara dos espaços dos setores da exposição e os respectivos departamentos de investigação (organizados por grupos taxonômicos) (Figura 3), bem como praticamente a ausência de espaços em que sejam representados organismos de grupos zoológicos diferentes.

² Comunicação pessoal de ALVES, em 23 de junho de 2014.

³ Comunicação pessoal de BAUMANN, em 24 de junho de 2014.

⁴ CAMPELO, G. **Exposição Entomologia/Invertebrados – Circuito Permanente**. Relatório de Trabalho. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010

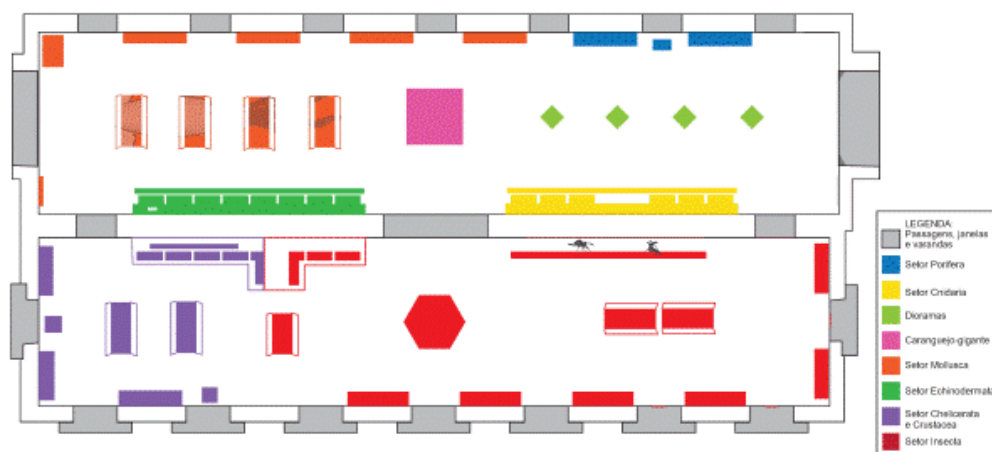


Figura 3: Planta baixa da exposição "Conchas, corais e borboletas".

A estes questionamentos internos foram somadas discussões num âmbito mais geral do MNRJ, posto que foi sugerida a alteração das salas onde foi montada a exposição. Em princípio, os objetos e conteúdos da Entomologia e demais invertebrados eram expostos em quatro salas segmentadas e com pouca continuidade de paredes. A nova proposta expositiva efetivamente ocupou o espaço anteriormente destinada à Zoologia de Vertebrados, que correspondia a duas grandes galerias, com vistas para os jardins nobres do MNRJ e ampla perspectiva, que permitiram a maior utilização dos meios museográficos e de soluções mais arrojadas⁵. Mesmo nesse espaço nobre, a obra esteve parada por meses devido a manutenção do piso, que sofria uma infestação de insetos.

Até mesmo o mobiliário interferiu nos prazos de execução do projeto, uma vez que se tentou reaproveitar o mobiliário existente na instituição, desenhando-se adaptações para reforma e atualização destes componentes. No entanto, as condições de manutenção e as alterações necessárias para adequação e especificações técnicas tornaram a alternativa economicamente inviável. Optou-se para o desenvolvimento de projetos originais de vitrines e equipamentos, destinados aos conteúdos e objetos especificados por seus curadores⁶.

O desenho de vitrines e apresentação de maquetes e perspectivas, associados a alternativas de recursos de ambientação para contextualização dos módulos e reorganização do espaço, foram realizados durante o período de setembro a dezembro de 2009, pela empresa carioca UNIDESIGN Programação Visual LTDA (Figura 4).

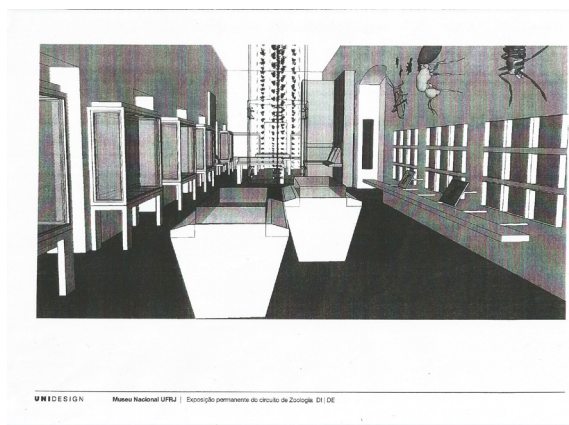


Figura 4: Projeto expositivo de "Conchas, corais e borboletas", com distribuição do mobiliário e alguns objetos do acervo, na segunda galeria.

⁵ CAMPELO, op. cit.

⁶ Ibid.

A produção cenotécnica iniciou em fevereiro de 2010 e teve duração de mais de 15 meses, desenvolvida pela empresa também carioca CENO-MAX⁷. A disposição do acervo nas vitrines e confecção de suportes mais finos ficou a cargo da equipe de Museologia do MNRJ, principalmente na figura da museóloga Marilene de Oliveira Alves e dos curadores e técnicos dos respectivos setores, destacando-se o trabalho de alguns curadores científicos que pessoalmente engajaram-se na montagem, como Prof. Dr. Alcimar do Lago Carvalho (Entomologia) e Prof. Dr. Alexandre Dias Pimenta (Malacologia).

No que diz respeito ao financiamento, a exposição “Conchas, corais e borboletas” dispôs de diferentes fontes. Em 2008, a primeira proposta foi enviada para edital do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), cujo prêmio foi no valor de R\$ 180 mil. No ano seguinte, outro projeto, também para montagem dessa exposição foi enviado à Caixa Econômica Federal, com o prêmio no valor de R\$ 250 mil. Ainda assim, outras fontes foram necessárias para conclusão da exposição: R\$ 20 mil de fundos de reserva do MNRJ, R\$ 20 mil doados pela Associação de Amigos do Museu Nacional, R\$ 40 mil transferidos de projetos do Prof. Dr. Milton Reynaldo Flores de Freitas (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e R\$ 5 mil doação pessoal de Thereza Baumann. Por conseguinte, a montagem da exposição “Conchas, corais e borboletas” teve um orçamento aproximado R\$ 515 mil.

b) Discurso Expositivo

O contexto conflituoso em que foi concebida a exposição “Conchas, corais e borboletas” estava refletido em seu discurso expositivo. Assim, observavam-se setores que pouco dialogavam conceitualmente entre si, mas que estavam unificados pelo projeto museográfico, especialmente a comunicação visual e mobiliário comum. Havia também ainda um texto introdutório sobre o reino Animalia, que introduzia o visitante no universo zoológico.

Inseridos em duas grandes galerias, os setores da exposição foram organizados taxonomicamente, tal como eram organizadas as coleções científicas e os departamentos da instituição, de modo linear e representam os grandes grupos (filos) de invertebrados: Porifera, Cnidaria, Mollusca, Echinodermata, Arachnida, Crustacea e Insecta (Figura 3).

Mesmo diante da especificidade de cada setor, era possível identificar algumas congruências nos discursos expositivos: (i) introdução geral sobre grupo zoológico (filo) e diferenciação de suas classes; (ii) número de espécies no grupo e representatividade dentro da diversidade conhecida; (iii) relações entre humanos e o grupo, especialmente quanto a temas relacionados à conservação ambiental e saúde (prevenção de acidentes e bioprospecção de fármacos); e, principalmente, (iv) expressivo aporte de objetos (animais) para mostrar a diversidade dentro de cada grupo representado.

Em sequência ao texto introdutório, estava presente o setor Porifera, representado pelas esponjas-do-mar e esponjas-de-água-doce. Este setor foi

⁷CAMPELO, op. cit.

também organizado taxonomicamente, onde as classes de Porifera eram diferenciadas, estavam disponíveis textos informativos sobre a história natural do grupo, curiosidades (mitos) e, o destaque para alguns espécimes que dispunham de pormenores de sua biografia (especialmente associados ao momento da coleta). Ainda eram apresentados os usos dos poríferos pela espécie humana: importância econômica, bioprospecção e algumas de suas representações culturais, como o “pó-de-mico” e um vaso zoomórfico de índios do Xingu (Figura 5).



Figura 5: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Porifera. Em A visão geral do setor, com vitrines, vídeo e livro (já não mais presente em 2018). Em B vitrine “Filo Porifera”, com espécimes preservados em via seca e úmida dos grupos poríferos viventes. Em C destaque para objeto histórico, duas esponjas-de-vidro (*Euplectella* sp.). Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em junho de 2014.

O segundo setor era Cnidaria, filo representado na exposição por corais, águas-vivas, anêmonas-do-mar e gorgônias. O contexto evolutivo do grupo iniciava do setor, apresentando também quem são os animais conhecidos como cnidários. Associado a esta apresentação, eram mostradas características gerais dos cnidários, como anatomia, hábitos de vida, ambiente, alimentação e comportamento. Considerando que o tipo de ciclo de vida, em geral, diferencia as classes de Cnidaria, tais ciclos estão representados por meio de esquemas e as classes apresentadas por animais preservados em via úmida. Ainda neste setor, havia grande destaque os recifes de coral⁷ (Figura 6).

⁷ O grande destaque para os corais em “Conchas, corais e borboletas” também está associado a investigação realizada na instituição, uma vez que pesquisadores do respectivo departamento são os fundadores do Projeto Coral Vivo, financiado pela Petrobras desde 2003. Mais informações em: <http://coralvivo.org.br>. Acesso em 11 de Abril de 2019.



Figura 6: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Cnidaria. Em A visão geral do setor, com vitrines e vídeo sobre ações do Projeto Coral Vivo. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em agosto de 2018.

Entre os dois primeiros setores, era possível observar um conjunto de quatro pequenos dioramas que representam biomas marinhos: bioma inconsolidado raso, bioma consolidado raso, bioma inconsolidado fundo, bioma consolidado fundo. Estes biomas possuíam essencialmente invertebrados e representavam pontos únicos da exposição em que animais de diferentes grupos eram apresentados juntos e mais próximos a situações do ambiente natural (Figura 7).



Figura 7: Dioramas da exposição “Conchas, corais e borboletas”. Em A visão geral da primeira sala da exposição, com destaque para os quatro pequenos dioramas no centro da sala. Em B diorama “bioma inconsolidado raso”. Em C diorama “bioma consolidado raso”. Em D diorama “bioma inconsolidado fundo”. Em E diorama “bioma consolidado fundo”. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em agosto de 2018.

Antes do início do setor seguinte, encontrava-se em exposição um dos mais icônicos objetos de história natural do MNRJ: um caranguejo-gigante (*Macrocheira kaempferi*) preservado em via seca. Este objeto, que pertencia à exposição antiga, foi restaurado “Conchas, corais e borboletas” e, embora fora do seu contexto taxonômico, sua vitrine formava um contínuo com os biomas, uma vez que caranguejos-gigantes vivem em águas profundas do Pacífico e os biomas representados não possuem referências a que oceanos pertencem (Figura 7A).

O setor *Mollusca* ocupava a metade final da primeira galeria da exposição (Figura 3). Possuía algumas estratégias expográficas únicas na exposição, como

uma réplica de uma lula-gigante com cerca de 8,5m de comprimento presa ao teto, uma mesa com lupas para observação de micromoluscos e imagens de microscopia eletrônica dos mesmos.

A primeira vitrine desse setor apresentava a pergunta: “*Quem são e o que são os moluscos?*”, pergunta que foi respondida por meio de textos ilustrados por espécimes sobre a principal característica do grupo (presença de concha calcárea) e o sucesso evolutivo dos moluscos em diferentes ambientes marinhos e terrestres.

As classes de *Mollusca* também eram expostas na parte inicial, juntamente com as relações entre humanos e moluscos: fins econômicos, alimentação, culturais, estéticos, arqueológicos, biodeterioração, saúde pública, bioprospecção e bioindicação. Conteúdos zoológicos mais detalhados sobre as principais classes de moluscos (bivalves, cefalópodes e gastrópodes) eram presentes nas vitrines centrais, onde estavam disponíveis grande quantidade de espécimes (mais de 500) diferentes e abordadas essencialmente questões relacionadas à morfologia e às variações morfológicas ou de hábito de vida do grupo zoológico em questão (Figura 8).

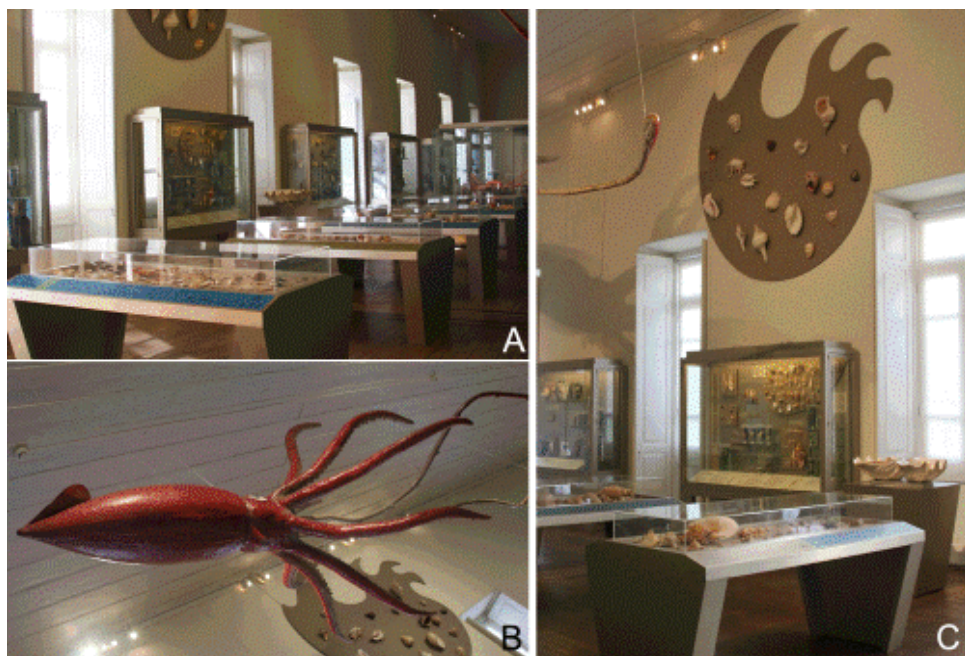


Figura 8: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Mollusca. Em A visão geral do setor. Em B réplica de lula-gigante (*Architeuthis dux*). Em C vitrines da exposição e destaque para montagem com 18 conchas preservadas em via seca e posicionadas sobre painel em MDF com o formato similar a uma concha. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em junho de 2014.

Ainda na metade final da primeira galeria de “Conchas, corais e borboletas”, junto ao setor dos moluscos, havia um conjunto de vitrines laterais que constituíam o Setor Echinodermata. Neste setor, estrelas-do-mar, ouriços-do-mar, holotúrias, crinoides e ofiuroides eram organizados taxonomicamente nas vitrines. O discurso proposto pautava-se nas características morfológicas únicas dos equinodermos (simetria pentarradial na fase adulta, sistema de canais e esqueleto internos e parede corporal) e naquelas que diferenciam as classes. Tais características foram apresentadas dentro de um contexto evolutivo, que contava parte da história do grupo que surgiu há 600 milhões de anos atrás. Ainda sobre os equinodermos estavam disponíveis informações textuais sobre a história natural do grupo: hábitos de vida, alimentação, anatomia e comportamento (Figura 9).

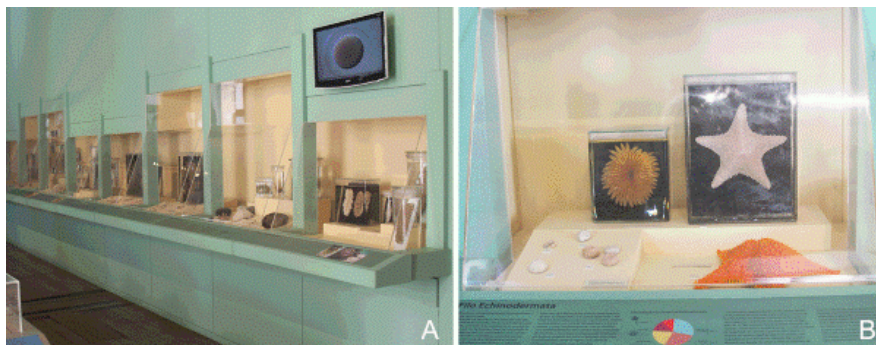


Figura 9: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Echinodermata. Em A vitrines do setor, com equinodermos preservados em vias seca e úmida, fósseis, fotografias e vídeo (vídeo intitulado “Vida de Bolacha”, com legendas e sem som, conta o desenvolvimento embrionário e reprodução das bolachas-da-praia. Produzido por Bruno C. Vellutini e Alvaro E. Migotto, Centro de Biologia Marinha da USP. Duração: 4’05). Em B vitrine “Filo Echinodermata” com fósseis e representantes viventes dos equinodermos. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em junho de 2014.

A segunda galeria de “Conchas, corais e borboletas” estava destacada para os artrópodes e partia de um texto introdutório em que eram descritas, dentro de um contexto evolutivo, algumas características comuns dos grupos zoológicos que estavam expostos nos três setores desta galeria (aracnídeos, crustáceos e insetos), como a presença do exoesqueleto e o corpo formado por segmentos e apêndices articulados (Figura 10).



Figura 10: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Visão geral da segunda galeria. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em agosto de 2018.

O Setor Arachnida abria essa segunda galeria, sendo o menor setor de “Conchas, corais e borboletas”, expondo, essencialmente, o mesmo acervo da exposição antiga de invertebrados em duas vitrines. No entanto, mesmo com espécimes datados da metade do século passado, o discurso era contemporâneo, uma vez que exibia uma hipótese filogenética⁸ recente dos grupos de Chelicerata, citando as principais características de cada um de seus grupos internos e a importância e o reconhecimento de Arachnida como um grupo zoológico natural (monofilético). Tratando-se especificamente de aracnídeos (aranhas e escorpiões), eram expostos principalmente aqueles de interesse médico (espécies que podem causar alguma moléstia à saúde humana). Ainda associada à saúde pública, exibiam-se as ceroplastias de uma mão e um braço com feridas ocasionadas

⁸ Os métodos de análise filogenética de grupos de organismos passaram a ser propostos a partir de Henning (1966).

por acidentes com aranhas e infecção por ácaros (sarna humana) e uma ampola do soro antiescorpiônico produzido pelo Instituto Vital Brazil (Figura 11).

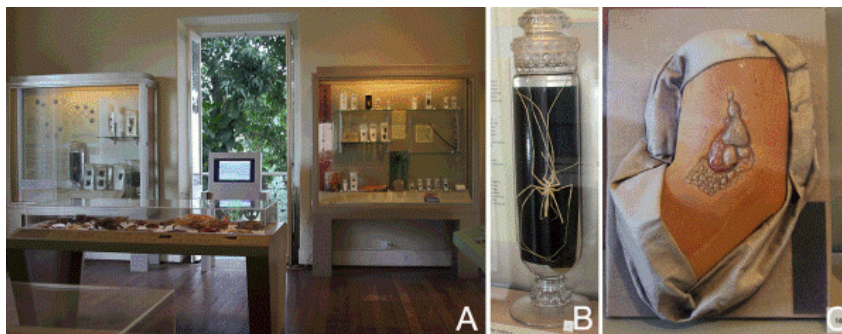


Figura 11: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Arachnida. Em A vitrines do setor. O vídeo entre as vitrines pertence ao Setor Crustacea. Em B aranha-do-mar (*Pycnogonida*) preservado em via úmida e vidro da antiga exposição. Em C peça em cera do acervo histórico, réplica de braço humano em cera, mostrando lesões necróticas por picada de aranha-marrom, *Loxosceles* sp. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em agosto de 2018.

Na sequência, ocupando o restante da primeira metade dessa segunda galeria encontrava-se o Setor Crustacea, constituído por expressiva quantidade de espécimes, sendo a variação da forma e assuntos decorrentes – evolução, classificação e identificação – os conceitos fundamentais apresentados. A partir de uma abordagem evolutiva, os crustáceos eram organizados quanto as características que definem o grupo e os grupos taxonômicos internos (classes e ordens), surgimento e registro fóssil, evolução da forma em diferentes grupos internos, distribuição geográfica e a conquista de diferentes ambientes (como a água-doce e a terra, uma vez que a origem do grupo é marinha) (Figura 12).



Figura 13: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Crustacea. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em agosto de 2018.

Outro aspecto que também presente neste setor era a importância econômica dos crustáceos. Cerca de vinte espécies de crustáceos são exploradas para alimentação na costa brasileira e, devido a problemas de sobre-exploração, atualmente existe uma regulamentação legislativa nacional sobre os períodos do ano em que a pesca é permitida e o período de *defeso*, quando é proibida a pesca para que haja a reprodução dos indivíduos das espécies exploradas. Nesse sentido, três animações de curta-duração tratam dos temas presentes na exposição, principalmente relacionados à conservação, mas com linguagem e ilustrações voltadas ao público infantil.

Foram produzidos por meio de uma parceria do MNRJ com o curso de graduação em Comunicação Visual Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio das docentes Irene Peixoto e Dóris Kosminsky, no ano de 2012 (Figura 11).

Encerrava o Setor Crustacea a remontagem de uma vitrine da exposição antiga, que aborda a zonação do ambiente marinho. A diversidade de crustáceos evidencia que os animais que vivem em ambiente marinho, assim como qualquer ambiente, não possuem distribuição uniforme. Essa vitrine remontava a uma imagem também clássica de livros didáticos da Biologia, como destacado pela curadora Profa. Dra. Irene Azevedo Cardoso (Figura 10, lateral esquerda).

O último setor da exposição de “Conchas, corais e borboletas” foi destinado aos insetos e ocupava a metade final da segunda galeria (Figura 3). De acordo com o texto escrito pelo curador e corroborado em entrevista, para a exposição foram selecionados materiais que exemplificam diferentes aspectos da vida dos insetos, relativos a três vertentes do conhecimento: entomologia acadêmica, centrada em estudos científicos que envolvem a elaboração e teste de hipóteses sobre os mais diferentes aspectos da vida desses animais; entomologia econômica ou aplicada, relacionada à aplicação prática desse conhecimento na promoção do desenvolvimento socioeconômico; e a entomologia cultural, que engloba todas as demais vertentes de influência do conhecimento ou imaginário sobre insetos nos demais campos do saber.

De acordo com estas três vertentes supracitadas, as vitrines combinavam essencialmente a história natural de diferentes grupos de insetos (entomologia acadêmica) com informações sobre a relação deles com os humanos (entomologia aplicada). A entomologia cultural esteve restrita às vitrines centrais e finais da exposição (Figura 13).

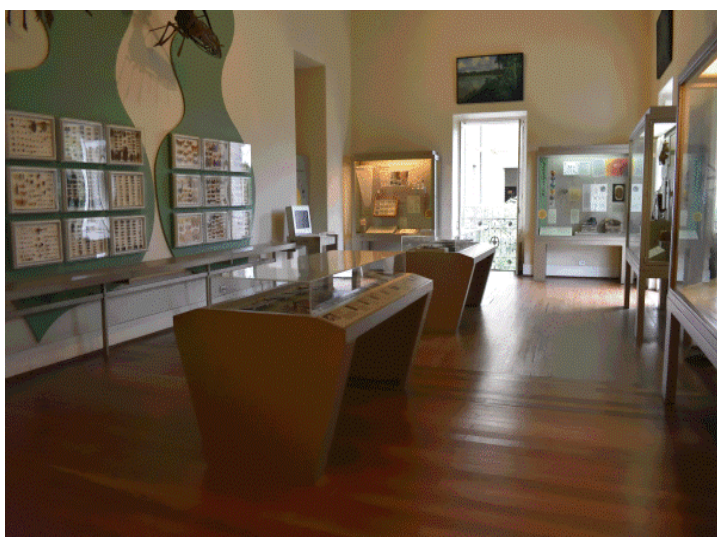


Figura 13: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Insecta. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em agosto de 2018.

A representação de um panapaná, revoada de milhares de borboletas machos em áreas abertas de solo úmido à procura de água ou determinados sais minerais, utilizando como referência oito espécies de borboletas brasileiras que comumente participam deste fenômeno, compunha o elemento mais atrativo do setor, posicionado em seu centro (Figura 14).



Figura 14: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Insecta. Em A montagem de um panapana com centenas de impressões em acetato das espécies de borboletas: *Anteos clorinde*, *Anteos menippe*, *Apbrissa statira statira*, *Phoebis argente argente*, *Phoebis philea philea* e *Phoebis sennae sennae*, *Heraclides thoas brasiliensis* e *Protesilaus protesilaus nigricornis*. Em B detalhe da base do panapana e ao fundo uma fantasia carnavalesca inspirada em borboletas⁹. Em C uma das borboletas do panapana (*Protesilaus protesilaus nigricornis*), como exemplo de como o panapana foi montado, a partir da impressão individual em acetado frente e verso de cada uma das borboletas e presas em fio de nylon. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica em junho de 2014 e agosto de 2018.

⁹ Em fevereiro de 2018, a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense fez seu desfile inspirado no MNRJ. Além de diversos profissionais e estudantes da instituição participarem do evento, a escola doou modelos de todas as fantasias desenvolvidas. Estas fantasias estavam distribuídas ao longo das salas do MNRJ, como no exemplo da Figura 14B.

Havia a grande quantidade de conteúdos biológicos, que vão desde a variação da forma, ciclo de vida, organização social e evolução do grupo Insecta até os problemas com pragas agrícolas e transmissão de doenças. Ademais, estavam expostos o maior número de exemplares de todos os setores de “Conchas, corais e borboletas”, como uma mostra da diversidade do grupo – apenas neste setor, foram expostos mais de 1800 espécimes preservados em via seca ou via úmida (Figura 13).

3. ANÁLISE DO DISCURSO EXPOSITIVO

a) Abordagem Museológica

As exposições podem ser entendidas como local de encontro e negociação do significado museal (a retórica) e do meio para a interação, como diálogo e exercício de tolerância, onde há reciprocidade entre museu e público. Para tanto, o museu vai de encontro à cultura ao assumir que a significação da mensagem museológica é uma construção cultural que acontece a partir das mediações do cotidiano do público visitante, ou seja, o cotidiano cultural sustenta a interpretação do público, da mesma forma que o visitante é construtor ativo de sua própria experiência. A museografia serve como um dos possíveis locus de análise das exposições, porque corrobora na construção do experimento investigativo, análise e interpretação dos dados coletados¹⁰.

Nesse cenário, partimos dos trabalhos de Jean Davallon (1992; 2010), que têm como premissa as exposições como mídias, onde a disposição de elementos no espaço tem a intenção de torná-los acessíveis para o público. Tais exposições encontram-se inseridas em um processo pelo qual se cria uma relação entre um coletivo de indivíduos (o público) e uma entidade simbólica (um objeto, uma arte, uma época etc.) por meio de um dispositivo técnico, social e semiótico destinado a permitir esta relação¹¹.

¹⁰ CURY, M. X. **Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus.** Actas do I Seminário de Investigação em Museologia de Países de Língua Portuguesa e Espanhola, v. 1, p. 269–279, 2009.

¹¹ DAVALLON, J. **Comunicação e Sociedade: para pensar a concepção da exposição.** In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z.; BENCHRETRIT, S. F. (Org.). *Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo.* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 17–34.

Davallon (1992; 2010) relaciona diferentes concepções museológicas com a entrada dos museus na era da comunicação e das mídias, propondo três categorias comparativas: (i) museologia do objeto; (ii) museologia das ideias; e, (iii) museologia do ponto de vista (ou do entorno). Na primeira categoria, museologia do objeto, a concepção museológica está em estabelecer uma relação positiva com o visitante em contato com o objeto, apenas a partir do que é visível. É exigido do visitante conhecimento para se apropriar do espaço do museu e da exposição; não há discussão, mantendo-se o público como “geral”. Consequentemente, a exposição é reduzida a um dispositivo de mídia que promove o encontro visitante-objeto. A matriz comunicacional está organizada em dois extremos: um que preserva e apresenta o patrimônio (curador-conservador) e o visitante, que vem conhecer/encontrar o objeto.

Na segunda categoria, museologia das ideias, os objetos em exposição não são eliminados, porém são efetivamente diferentes, pois tornam-se ferramentas que estão a serviço de uma ideia. O visitante é específico e não tem que trazer consigo o conhecimento, mas a exposição pode fornecê-lo, tal como as instruções para acessá-lo. Elementos heterogêneos, hierarquizados e articulados de maneira a portarem significados e oferecerem simultaneamente suas próprias instruções compõem a exposição. Portanto, a reunião de objetos pode fornecer algo mais do que o encontro do visitante com ele; cria-se um sentido e conecta-se ao visitante, tornando a exposição como uma narrativa, argumentativa e conceitual.

Em contraste com a museologia do objeto, em que o curador-conservador busca a mínima interferência no processo de encontro entre visitante-objeto, o produtor de uma exposição concebida na museologia das ideias, procura desenvolver uma ferramenta de comunicação que aperfeiçoa a captura de informação e interpretação dos objetos pelo visitante¹².

A museologia do ponto de vista ou do entorno é a terceira categoria proposta por Jean Davallon e contempla objetos e conhecimentos como na anterior, mas estes são usados como elementos para a construção de um ambiente hipermidiático, no qual é proposto ao visitante mover-se e são apresentados uma ou mais perspectivas sobre o tema exposto. Nessa concepção museológica há forte apelo cenográfico, onde há ruptura entre o espaço expositivo e o espaço percorrido, criando-se uma nova dimensão espacial, a do espaço imaginário materializado e representado ficticiamente, dentro do qual o visitante é o ator principal. É em torno deste visitante que são articulados os aparatos tecnológicos, reconstituições, vídeos, filmagens, vitrines, textos, representações teatrais etc. Em consequência, neste tipo de exposição todos os objetos são complexos e fortemente integrados, onde o ponto de vista do sujeito é a instância da produção, ou seja, o ponto de vista do visitante constrói o curso da visita¹³.

A exposição “Conchas, corais e borboletas” do MNRJ representava um exemplo da concepção de museologia do objeto. A unidade comunicacional da mesma encontrava-se entre o objeto (ou pequena série de objetos) e sua etiqueta ou texto explicativo. Não havia articulação entre os conteúdos dentro dos setores,

¹² GRUZMAN, C. **Educação, ciência e saúde no museu: uma análise enunciativo-discursiva da exposição do Museu de Microbiologia do Instituto Butantan**. 2012. 264 f. Universidade de São Paulo, 2012.

¹³ DAVALLON, 1992; 2011.

tampouco entre os setores. Como descrito anteriormente, as divisões setoriais eram claramente marcadas e a uniformidade foi buscada pela comunicação visual.

Os setores e suas respectivas vitrines representavam grupos taxonômicos, onde podiam ser encontrados, de forma ordenada, uma sucessão de objetos selecionados principalmente por suas qualidades individuais ou pelo pertencimento a um grupo taxonômico. A prioridade era a contemplação, remetendo a uma concepção enciclopédica da diversidade.

Nesta concepção, podemos destacar a primeira vitrine em que são apresentados representantes das classes de poríferos, por meio de espécimes preservados em via úmida ou seca, incluindo um objeto histórico do acervo (*Euplectella* sp.) selecionado por sua beleza e raridade. Não há articulação entre os elementos da vitrine ou relações evolutivas ou ecológicas estabelecidas entre os poríferos (Figura 5).

Um contraponto desta concepção estava presente nos pequenos dioramas, onde diferentes animais eram contextualizados em seu ambiente de vida natural (Figura 7). Este tipo de montagem é característico da concepção de museologia das ideias, uma vez que busca representar uma comunidade de organismos em determinado espaço e tempo, todavia é pontual em “Conchas, corais e borboletas”, e não representa a forma como os elementos estão, em geral, articulados.

A presença de animações sobre crustáceos não configura um exemplo de elemento associado a museologia do ponto de vista, pois embora seja um elemento de ruptura do espaço expositivo, de forte apelo multimídia e desenvolvido para um público-alvo específico, apresentava apenas uma narrativa informativa e não diferentes visões que permitiriam o posicionamento crítico do visitante.

Em “Conchas, corais e borboletas” embora sejam apresentadas diferentes perspectivas do uso dos animais, como por exemplo a Entomologia Aplicada e Entomologia Cultural – no setor Insecta, os textos e demais recursos museográficos carregam instruções diretivas e informações genéricas, de modo que o visitante é convidado a absorver o maior volume possível de dados sobre esses animais.

Evidencia-se que as concepções museológicas propostas por Jean Davallon não são excludentes dentro de uma exposição; é possível que setores e até mesmo módulos dentro de setores estejam mais alinhados a uma categoria do que a outra, dependendo da uniformidade e constância do processo de gestão curatorial que gerou a exposição.

A predominância de uma concepção de museologia centrada no objeto promove uma visão enciclopédica da natureza. O MNRJ reafirmava seu papel histórico de instituição científica produtora, certificadora e transmissora de conhecimento por meio da exposição “Conchas, corais e borboletas”. Contudo, não pode ser observada a promoção de espaço dialógico, em que o público pode se reconhecer, debater e compartilhar conhecimentos, funções sociais fundamentais dos museus contemporâneos.

b) Abordagem da Teoria Evolutiva

A perspectiva científica da segunda metade do século XIX foi caracterizada, em grande parte, pelo trabalho de Charles Darwin. O desenvolvimento da teoria evolutiva darwiniana correspondeu tanto à nova visão sobre o mundo natural como acrescentou ideias evolutivas no entendimento da sociedade e também promoveu uma nova práxis desenvolvida nos museus modernos, cientificamente organizados.

Além disso, o darwinismo não só revigorou os museus do século XIX como levou à criação de muitos outros. Destaca-se que o século XIX assiste um crescimento exponencial das instituições museais, bem como nas respectivas estruturas, sistematização e organização de acervos e espaços, sendo o período conhecido como a “era dos museus” e a história natural como a “ciência dos museus”¹⁴.

O Brasil, como toda a América Latina, foi rota de viagem de naturalistas fundamentais para a concepção da teoria evolutiva, como Charles Darwin, Alfred R. Wallace e Henry W. Bates. A diversidade e as riquezas de fauna e flora apareceram na literatura escrita por estes, mas não há referência direta aos museus de história natural latino-americanos¹⁵.

Contudo, desde o final da década de 1990 estudos sociais da ciência e museologia têm apontado para a circulação de objetos, referências e profissionais entre os museus latino-americanos e destes com instituições europeias, formando-se uma ampla rede de intercâmbio entre os investigadores (especialmente aqueles que eram diretores de museus)¹⁶. Um importante exemplo foi Fritz Müller, naturalista viajante contratado pelo MNRJ de 1876 a 1891, um dos mais importantes colaboradores e divulgadores das ideias darwinistas^{17, 18}.

Na comunidade científica existe certo consenso sobre o fato dos museus de história natural desenvolverem exposições que abordem a teoria evolutiva, como pode ser evidenciado por diversas exposições abertas em museus todo mundo, no final do século XX e início do XXI¹⁹. Diante disso, as exposições sobre evolução tornaram-se objeto de pesquisa, que identificaram alguns padrões sobre abordagens desta teoria. Ao mesmo tempo que alguns museus ainda mostram antigas exposições com fósseis organizados linearmente, de acordo com o surgimento no registro geológico ou longas séries de objetos que fazem sentido apenas para pesquisadores, modernas exposições sobre evolução trazem influências de discussões e avanços científicos e ferramentas de aprendizagem em ambientes não-formais²⁰.

A partir da análise de dezenas de exposições sobre evolução no hemisfério norte, Diamond & Scotchmoor²¹ identificaram cinco temas que guiam a organização de exposições sobre essa temática: (i) Tempo geológico; (ii) Assembleia fósilífera; (iii) Sistemática; (iv) Mecanismos evolutivos; e (v) Abordagem histórica.

Cabe retomar que a teoria da evolução é complexa e que é rejeitada por alguns grupos sociais, por suas implicações em visões religiosas do mundo, o que leva os museus a utilizarem diferentes abordagens em suas exposições para contextualizar e evidenciar a importância desta teoria para compreender a diversidade. Contudo, a teoria evolutiva é ainda central no debate cultural, em parte devido à constante atualização de conteúdos científicos e novas evidências e em parte devido às implicações filosóficas ao

¹⁴ LOPES, 1997; LOPES; PODGORNÝ, 2000.

¹⁵ DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R. **Controvérsias evolucionistas no Brasil do Século XIX**. In: DOMINGUES, H. M. B. (Org.). A recepção do darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 97–123.

¹⁶ LOPES, M. M.; PODGORNÝ, I. **The Shaping of Latin American Museums of Natural History, 1850-1990**. *Osiris*, v. 15, n. 2nd Series, p. 108–118, 2000.

¹⁷ GUALTIERI, R. C. E. **O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876 - 1915)**. In: DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R.; GLICK, T. (Org.). A recepção do darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 45 – 97.

¹⁸ O reconhecimento internacional de Fritz Müller, devido à publicação de *Für Darwin*, (1864 na Alemanha e 1869 na Inglaterra) e suas pesquisas sobre evidências da teoria evolutiva proposta por Charles Darwin foram destacados por Ladislau Netto (então diretor do MNRJ) em ofício endereçado ao ministro para sua contratação (GUALTIERI, 2003).

¹⁹ DIAMOND; EVANS, 2007; DIAMOND; SCOTCHMOOR, 2006; SILVA, 2013.

²⁰ DIAMOND, J.; SCOTCHMOOR, J. *Exhibiting Evolution. Museum and Social Issues*, v. 1, n. 1, p. 21–48, 2006.

²¹ *Ibid.*

²² CECI, C. Darwin: **Origin and Evolution of an Exhibition.** Evolution: Education and Outreach, v.2, n. 3, p. 560–563, 2009.

²³ DIAMOND; TCHMOOR, SCO- cit. op.

explicitar o papel das espécies, incluindo a nossa, na natureza²².

Na exposição “Conchas, corais e borboletas” a teoria evolutiva era expressa principalmente de forma textual, com a apresentação de 36 conceitos diferentes associados a evolução, como por exemplo: adaptação, ancestral comum, especiação, colonização, sucesso evolutivo, variabilidade.

Além disso, a partir da sua museografia pode ser reconhecida uma abordagem sistemática da teoria evolutiva, uma vez que se estruturava na apresentação de grupos taxonômicos. Nesse tipo de abordagem da teoria evolutiva o foco da narrativa está na classificação dos organismos e em suas relações evolutivas²³.

Apesar disso, há poucos momentos em que são explicitadas as relações evolutivas entre os grandes grupos zoológicos em que a exposição se divide; estão presentes as relações internas dos grupos, principalmente por meio de textos. O mais relevante exemplo é a presença de uma árvore com as relações de parentesco entre os grupos de animais e a proporção do número de espécies de cada um deles (Figura 15).

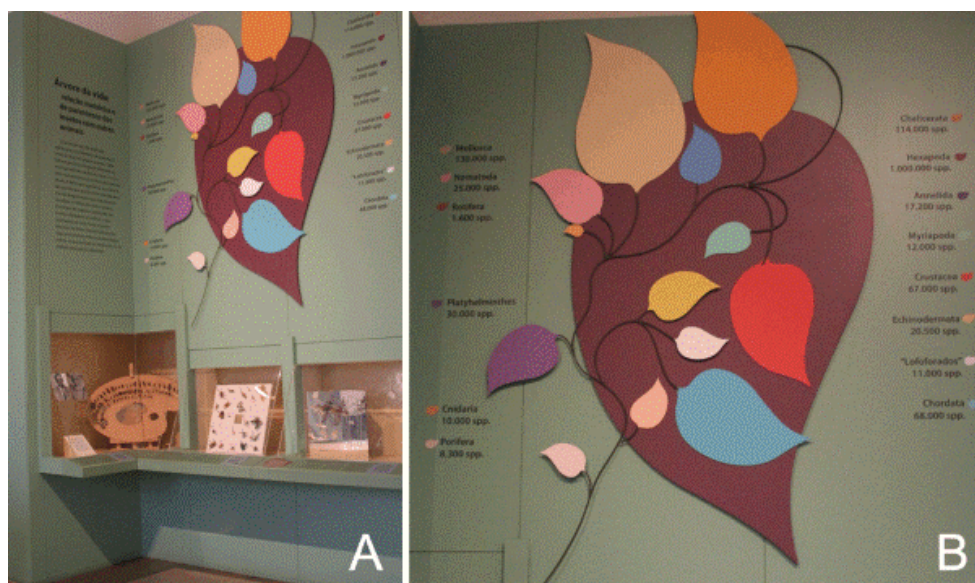


Figura 15: Exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Insecta. Em A gráfico com árvore com as relações de parentesco entre os grupos de animais e a proporção do número de espécies de cada um deles. Em B detalhe no gráfico com árvore. Fotografia: Mariana Galera Soler, obtida em visita técnica junho de 2014.

Destaca-se também o texto “Grau de parentesco: classificação e filogenia dos insetos”, que trata explicitamente do tema:

Mas, somente a partir da década de 1960, com a publicação dos trabalhos do entomólogo alemão Willi Hennig (1913-1976) e posterior desenvolvimento de métodos específicos, a classificação biológica pôde objetivamente refletir as relações de parentesco entre os organismos, passando a considerar os resultados de análises filogenéticas²⁴.

Considerando a perspectiva evolutiva de “Conchas, corais e borboletas”, sugere-se que o intenso uso de cladogramas e árvores de relacionamento estiverem presentes também devido a sistemática filogenética representar o único sistema de classificação que considera as relações evolutivas entre os grupos de organismos e representar a prática científica dos curadores, como será explicitado a seguir.

²⁴ Texto da exposição “Conchas, corais e borboletas” – Setor Insecta.

c) Representações da Natureza

Tendo em vista que a exposição museológica pode ser entendida também como um conjunto de representações visuais de ideias e conceitos, derivadas de processos museológicos, com vistas a transmitir mensagens objetivas para observadores subjetivos, por ser um meio de comunicação, este evento caracteriza-se como uma representação²⁵.

Em “Conchas, corais e borboletas” buscamos identificar como foram construídas e quais são as representações de natureza que estavam presentes, uma vez que os espécimes expostos eram uma pequena (ínfima) seleção de espécies e espécimes do acervo institucional e no contexto de um país cuja natureza é megadiversa.

Como categorias de análise, partimos das formas de representação da natureza propostas por Lorraine Daston e Peter Galison, no livro *Objectivity* (2007). Nessa obra, os autores refletem sobre como a “virtude epistemológica” objetividade foi historicamente associada quase como sinônimo a ciência. Analisando imagens produzidas no âmbito da prática científica (atlas), os autores demonstram que os modos de ver e representar a natureza são sociais, epistemológicos, éticos e coletivos e que se associam à concepções de ciência, da prática científica e do cientista que a realiza. Desse modo, propõem três modos de ver e representar a natureza: (i) fiel à natureza; (ii) objetividade mecânica e (iii) avaliação instruída.

Em “fiel à natureza” busca-se representar a natureza a partir do típico, característico, ideal (ou médio), sendo o cientista um profundo conhecedor e experiente observador, capaz de distinguir a característica accidental da essencial. Cabe ao cientista selecionar, comparar, julgar e generalizar, mas há também uma aproximação com o belo e com imagens universais e tipológicas²⁶. Na “objetividade mecânica”, a partir de tecnologias – como máquinas fotográficas ou microscopia eletrônica – busca-se representar a natureza com a menor influência humana possível, competindo ao cientista ser o trabalhador capaz de criar procedimentos que permitam a natureza “falar por ela mesma”. Já no caso da “avaliação instruída”, as imagens são produzidas por aparatos técnico-científicos e as representações construídas não precisam corresponder a forma de algo que foi visto, ou que poderia ser visto se estivesse em algum lugar, mas sim a interpretação especializada realizada por um especialista, tornando o humano essencial na tomada de decisões em ciência²⁷.

Embora os autores posicionem tais conceitos historicamente, eles evidenciam que não se trata de uma linha progressiva ou sucessória. Deste modo, é possível aplicar tais categorias de análise a uma exposição contemporânea, exercício realizado, em parte, por Aragão²⁸.

No contexto da exposição “Conchas, corais e borboletas”, embora os setores utilizassem diferentes abordagens narrativas, uma marca comum é o grande aporte de animais, como objetos museológicos, que servem para representar a diversidade de cada um dos grupos. Para se ter ideia do volume de acervo, havia mais de 2500 animais em exposição.

A prevalência dos espécimes selecionados de coleções científicas em narrativas tão distintas pressupõe a escolha da representação “fiel à natureza”, em

Diversidade Que Se Expõe, Mas Não Se Representa: O Caso da Exposição “Conchas, Corais e Borboletas” (MNRJ, 2013 - 2018)

²⁵ SILVA, Mauricio Candido. **Musealização da natureza: exposições em museus de história natural como representação cultural**. 2013. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

²⁶ DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. **Objectivity**. New York: Cambridge, Mass: Zone Books, 2007.

²⁷ DASTON; GALISON, 2007; ARAGÃO, 2013.

²⁸ ARAGÃO, T. Z. B. **Concepções de ciência presentes na divulgação e na prática de instituições não formais de Ensino de Ciência**. 2013. Dissertação de Mestrado - Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

²⁹ DASTON; GALISON, 2007;
ARAGÃO, 2013

³⁰ DASTON; GALISON, 2007.

³¹ KOHLER, Robert E. **Finders, keepers: Collecting sciences and collecting practice.** History of Science, [s. l.], n. 45, p. 428–54, 2007.

que cada objeto (animal) apresentado representa toda a espécie (ou gênero, família etc.) e é fruto da seleção, julgamento e comparação dos cientistas. Nessa representação, o cientista é aquele que possui o olhar atento e treinado, capacidade de memória, de analisar e sintetizar impressões bem como paciência e talento para extrair o que é típico de um depósito de particularidades naturais. A ciência implícita nos conta sobre as regras mais do que sobre as exceções da natureza. A natureza é idealizada, intocada e representada por meio de tipos selecionados pelo olhar de um sábio²⁹.

A prevalência da representação “fiel à natureza” pode ser entendida sob aspectos da prática científica e institucionais. Considerando que Daston e Galison³⁰ apontam como um marco da origem dessa representação os catálogos botânicos de Lineu e, posteriormente, a utilização de imagens de atlas que catalogam faunas e floras, na segunda metade do século XVIII e início do XIX, essa representação da natureza está inserida no campo da identificação, classificação e hierarquização da natureza, ou seja, a taxonomia.

A taxonomia é um ramo da zoologia que enquadra a última como “ciência de coleção”, ou seja, depende da coleta de campo e extensos conjuntos de amostras e tem como características principais: a materialidade dos seus objetos de pesquisa, a documentação de procedência e a necessidade de armazenamento permanente de seus testemunhos³¹.

Ainda que não sejam os desenhos dos naturalistas do século XVIII, os espécimes expostos em “Conchas, corais e borboletas” constituíam uma imagem idealizada do grupo taxonômico em que estão inseridos, não representam um indivíduo ou um padrão identificado a partir de um estudo.

Em uma visão mais abrangente, a escolha da representação “fiel à natureza” também pode ser entendida como um reflexo da missão institucional dos departamentos de Entomologia e Invertebrados, setores científicos do MNRJ diretamente relacionados com a exposição. Nos sites institucionais dos respectivos departamentos, podemos encontrar suas missões:

(...) Atuando na pesquisa, ensino e extensão, suas principais missões relacionam-se a manutenção, preservação e estudo da Coleção Entomológica do Museu Nacional (...) No Departamento, diversas linhas de pesquisa envolvendo insetos vêm sendo desenvolvidas, com enfoque na *sistemática*, morfologia, biologia, ecologia, biodiversidade e *história natural* (Departamento de Entomologia, grifo nosso).

(...) Ser um centro de excelência de pesquisa em biodiversidade de invertebrados marinhos e Aracnologia, capacitado para *identificar, descrever e caracterizar* a biologia e a ecologia das espécies animais de todos os filos de invertebrados em todos os habitats marinhos, com especial ênfase no Mar Profundo (Departamento de Invertebrados, grifo nosso).

Por fim, embora “Conchas, corais e borboletas” tenha sido elaborada por uma equipe multidisciplinar, composta por cientistas, técnicos, museólogo e designers, nota-se o papel decisório dos cientistas-curadores na escolha do acervo e da abordagem desse. Além dos relatos obtidos nas entrevistas, as fichas museográficas desenvolvidas pelo Serviço de Museologia do MNRJ (Figura 2) foram preenchidas pelas equipes científicas de

cada um dos setores da exposição. Nessas fichas, foram definidos os tipos de acervo em exposição, o tema em que se insere e a proposta de legenda.

O papel crucial dos curadores científicos na construção das narrativas nos dá mais indícios sobre a escolha da representação “fiel à natureza”, uma vez que a natureza é apresentada na forma como os investigadores lidam com ela em sua prática. Considerando que esses são especialistas em diferentes campos da zoologia, existe uma clara identificação entre a prática e a representação: a zoologia uma “ciência de coleção”, aplicando-se o termo de Kohler³², temos como prática científica a coleta, seleção e identificação dos objetos (além da sua manutenção a longo prazo em coleções), que são práticas características da representação “fiel à natureza”. Dessa forma, aquele que define a representação da natureza – o curador científico – faz como ele a vê em sua prática profissional.

Existiam outras formas de representação da natureza presentes apenas em exemplos circunscritos de “Conchas, corais e borboletas”. Por exemplo, os vídeos de animação sobre os crustáceos eram baseados em caricaturas e desenhos, que de forma alguma buscam uma representação fiel do real. A ciência é apresentada de forma mais subjetiva, interpretativa e com uma dimensão humana, um exemplo da representação “avaliação instruída”. É interessante ressaltar, no entanto, que o vídeo não é uma realização da equipe de especialistas do MNRJ, e sim por estudantes do curso de Comunicação Visual e Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Outro exemplo dessa forma de representação são os cladogramas. Os cladogramas são esquemas que representam o parentesco evolutivo entre espécies ou grupos taxonômicos mais elevados. Esses esquemas são bastante comuns entre grupos de pesquisa que estudam evolução e classificação dos seres vivos, de acordo com o método científico mais aceito na contemporaneidade, a sistemática filogenética. Embora sejam imagens que não existam na natureza (representação não-homomórfica), representam um conjunto de cálculos (busca pelo relacionamento mais parcimonioso entre as espécies, a partir de uma matriz de características que surgiram ao longo da evolução), em que são expressos grupos de organismos e suas similaridades. A utilização de imagens esquemáticas que podem ser compreendidas apenas a partir de um conhecimento prévio compartilhado por um grupo constituem um exemplo de representação da natureza de forma “avaliação instruída” e que estão presentes em praticamente todos os setores de “Conchas, corais e borboletas” (Figura 15).

Imagens de microscopia eletrônica, que apresentavam detalhes únicos dos espécimes de micromoluscos presentes no Setor Mollusca e um vídeo realizado em tempo real sobre a ontogenia de um ouriço-do-mar, com imagens de microscopia (Setor Echinodermata), são exemplos da representação “objetividade mecânica”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Conchas, corais e borboletas” representou o esforço mais contemporâneo do MNRJ de trazer ao público parte dos seus milhões de espécimes animais

³² KOHLER, op. cit.

³³No âmbito das comemorações dos 200 anos do MNRJ foi inaugurada a exposição “Expedição Coral: 1865-2018”, contudo essa mostra era uma proposta temporária que foi financiada no âmbito do projeto CoralVivo.

concentrados em armários compactadores³³. Promoveu grande impacto no público, que voltava a ver invertebrados com uma nova roupagem depois de mais de meio século; na instituição com o trabalho interdisciplinar de equipes científicas e técnicas, mudanças no espaço expositivo; e nas rotinas curatoriais, que passaram a ter milhares de espécimes que recebiam luz solar direta a partir das quinze janelas e varandas que estavam presentes nas galerias de exposição.

No entanto, as transformações não se representam nas perspectivas da instituição sobre si própria e sua prática. O MNRJ salvaguardava a maior coleção de objetos de história natural da América Latina, constituindo-se como um índice centenário da flora, fauna, arqueologia e etnografia nacional. “Conchas, corais e borboletas” trazia ao público os grupos zoológicos mais diversos conhecidos, como os insetos e os moluscos, inseridos em uma museografia moderna, mas que representava uma natureza tipológica e estática, tanto quanto os atlas e catálogos de identificação taxonômica.

Os curadores científicos pautaram as narrativas sobre a diversidade a partir do seu viés – identificador, analítico e com grande capacidade de memória – e cabia ao público contemplar espécimes com etiquetas de identificação e textos de contextualização. De modo que a natureza musealizada por “Conchas, corais e borboletas” exibia a diversidade de cores e formas no texto expositivo (e que podia ser vista pelas janelas que davam vistas ao belo Jardim das Princesas da Quinta da Boa Vista), mas não era representada nos modos como a ciência e os cientistas podem observá-la.

Nesse trabalho apresentamos um registro bastante recente da exposição “Conchas, corais e borboletas”, como uma memória do que foi possível. O incêndio sofrido pelo MNRJ destruiu toda essa exposição e as coleções científicas correspondentes. A perda é irreparável, nem toda a diversidade pode ainda ser encontrada, mesmo o Brasil sendo um país megadiverso. Contudo o fogo não consumiu a ciência produzida, nem toda a capacidade de identificação, classificação e seleção. Assim como os curadores, técnicos e outros profissionais, também vive o MNRJ.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, T. Z. B. **Concepções de ciência presentes na divulgação e na prática de instituições não formais de Ensino de Ciência**. 2013. Dissertação de Mestrado - Universidade de Campinas, Campinas, 2013.
- CAMPELO, G. **Exposição Entomologia/Invertebrados – Circuito Permanente**. Relatório de Trabalho. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.
- CECI, C. **Darwin: Origin and Evolution of an Exhibition**. Evolution: Education and Outreach, v.2, n. 3, p. 560–563, 2009.
- CURY, M. X. **Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus**. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia de Países de Língua Portuguesa e Espanhola, v. 1, p. 269–279, 2009.
- DAVALLON, J. **Comunicação e Sociedade: para pensar a concepção da exposição**. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z.; BENCHRETRIT, S. F. (Org.). *Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 17–34.

DAVALLON, J. **Le musée est-il vraiment un média?** Publics et Musées, n. 2, p. 99–123, 1992.

DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. **Objectivity.** New York: Cambridge, Mass: Zone Books, 2007.

DIAMOND, J.; EVANS, E. M. **Museums tea-ch evolution.** Evolution, v. 61, n. 6, p. 1500–1506, jun. 2007.

DIAMOND, J.; SCOTCHMOOR, J. **Exhibiting Evolution.** Museum and Social Issues, v. 1, n. 1, p. 21–48, 2006.

DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R. **Controvérsias evolucionistas no Brasil do Século XIX.** In: DOMINGUES, H. M. B. (Org.). A recepção do darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 97–123.

GRUZMAN, C. **Educação, ciência e saúde no museu:** uma análise enunciativo-discursiva da exposição do Museu de Microbiologia do Instituto Butantan. 2012. 264 f. Universidade de São Paulo, 2012.

GUALTIERI, R. C. E. **O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876 - 1915).** In: DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R.; GLICK, T. (Org.). A recepção do darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 45 – 97.

HENNING, Willi. **Phylogenetic systematics.** Urbana: University of Illinois Press, 1966. v. III

KOHLER, Robert E. **Finders, keepers: Collecting sciences and collecting practice.** History of Science, [s. l.], n. 45, p. 428–54, 2007.

LOPES, M. M. **O Brasil descobre a pesquisa científica:** os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

LOPES, M. M.; PODGORNÝ, I. **The Shaping of Latin American Museums of Natural History, 1850-1990.** Osiris, v. 15, n. 2nd Series, p. 108–118, 2000.

SILVA, Mauricio Candido. **Musealização da natureza: exposições em museus de história natural como representação cultural.** 2013. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.